

# OS RIDÍCULOS

Nº 210 — 7-11-74

DIRECTOR: SILVA NOBRE

PREÇO — 7\$50

**Ô VÓ-VÓ, PORQUE  
É QUE TENS UMA  
LÍNGUA TÃO MACIA?**

**É PARA TE  
CHUPAR MELHOR**

**SMAC!**

**2**



**UM PENICO  
PARA TODOS OS FINS...**

# OS GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS

Aquele pobre Kissinger muito trabalha! Gostava de saber se ele recebe horas extraordinárias. Porque se não recebe, acho que ele devia apresentar o caso no seu sindicato, porque aquilo é um abuso.

Coitado, lá esteve outra vez no Médio Oriente, se calhar porque se esqueceu de dizer ao piloto que ia para outro lado... mas como já lá estava perto, sempre foi dar dois dedos de conversa aos sócios daquele clube dos zaragateiros, e como de costume, almoçar com uns e jantar com outros.

Depois é que ele seguiu para a Rússia, que era afinal onde ele queria ir...

Quando lá chegou, o senhor Leonidas recebeu-o muito bem, é pá, janta cá cá gente, então estive lá outra vez com os gajos do petróleo? O que é que eles dizem? Pois é, pá aqueles gajos são uns chatos, e a gente aqui com tanto que fazer...

— Sabe, senhor Leonidas, eu queria ver se a gente arrumava

MAS É SO POR EU SER AMIGO DOS  
JUDEUS... DOS ÁRABES... DOS CHILENOS  
DOS GREGOS E DIRIGENTE DA CIA...  
QUE ESTÃO COM DÚVIDAS DE ME  
DAREM O

PRÊMIO NOBEL DA PAZ  
???



aquele esbuzozinho do ano passado...

— Aquele assunto? Qual assunto? É pá, desculpa, mas são tantas coisas, que eu nem me lembro bem...

— Aquele coisa da Limitação...

— O quê? Limitação de velocidade?

— Não, senhor Leonidas! Então o senhor não se lembra?

Aquele acordo que a gente fez em Genebra...

— Bom, eu tenho uma ideia! Mas essas coisas, quando a gente se mete nos copos... depois passamos... e estás a ver: parece que nessa altura era whisky, era vodka e agora estás-me também a falar em Genebra...

— Oh senhor Leonidas! Então o senhor não se recorda? A gente combinou fazer uma limitação da corrida...

— Ah, já sei! Isso foi qualquer coisa por causa dos jogos olímpicos, não foi?

— Não senhor! Foi por causa dos jogos de porrada! Era a limitação da corrida às armas!

— Pronto, pronto, amigo Kissinger! Já me lembrei! Você falou-me em qualquer coisa de fazermos uma reposição daquele famoso filme "O Adeus às Armas", em duas versões: americana e russa, dá?

— Niet, imigo Leonidas, niet! Não é nada disso! Aquilo não era para fazer nenhuma fita! Era mesmo a sério! Então o amigo Leonidas não acha bem que a gente reduza a quantidade das armas dos nossos arsenais? Não é por mais nada: é que a gente já não tem onde as guardar...

— Porquê: vocês têm assim tantas?

— Niet, niet, amigo Leonidas! Nem pense nisso! A gente tem assim umas coisitas, mas nada de sensacional! Nem pense nisso! Olhe que CIA gente foi a ver, o amigo Leonidas...

— Eu? Mas que ideia, dear Henry! Que ideia! Quem é que lhe meteu isso na cabeça? Não diga: eu estou mesmo a ver: foram os seus amigos Jacobs e Samuels, niet?

— Bom, isto é... eu...

— Ora ora, dear Henry! Deixe-se dessas ideias! Olhe que se vamos falar de bombas, não se esqueça daquela de grande potência de mais de quinhentas megatoneladas que vocês rebentaram outro dia...

— Alto, alto, amigo Leonidas! A gente só fez uns rebentamentos subterrâneos e mesmo isso foi para desentupir uns canos que a gente lá tinha entupidos...

— Não é dessa que eu estou a falar! A gente aqui até sabe dessa... e doutras! Eu estava a falar era da grande, da Watergate...

— Ah, bom, essa... é claro, foi uma chaticice, amigo Leonidas. A gente pensava que aquilo estava sem espoleta e afinal...

— Pois é. Vocês lá arranjam esses enganos. Também não admira: vocês têm lá uma data de grupos lixados...

— Nós? Não diga isso, amigo Leonidas! Quem foi que lhe disse? Se calhar foram os seus arabescos amigos! São uns intriguistas!

— Oh, dear Henry! Que ideia essa! Então não é uma coisa que toda a gente sabe, que esse Instituto de Todas as Trafalhuças, que vocês chamam abreviadamente ITT, e a Comissão de Instigação de Arruaças, que vocês chamam CIA, e outros que tais, não são uns grupos tramados? Vocês com eles é que se têm lixado, ou ainda não perceberam isso?

— Bom, amigo Leonidas... o melhor é a gente deixar agora isso, e vamos tratar dos nossos assuntos? Não se pode acreditar em tudo o que essas pessoas dizem...

— Pois é, há sempre quem diga coisas...

— O quê? Você também acredita nos glutões?

— Então não havia de acreditar? Pois se eu há imenso tempo que até acredito em vocês, e veja lá o que eu ganhei com isso!

— Então... visto isso, o amigo Leonidas não quer agora falar a respeito da tal nossa combinação da limitação...

— Não, dear Henry, agora não tenho tempo. Sabe, eu gosto muito de passeios de automóvel. Por isso se quiser tratar desse assunto, só se o dear Henry vier de Ford. Até lá...

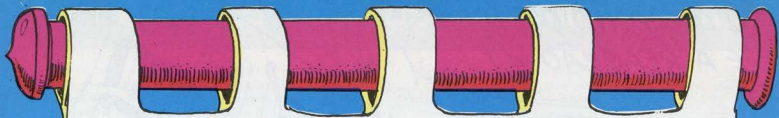
E com um aceno amigável, o senhor Leonidas despediu-se do dear Henry, que, de orelha um bocado murcha voltou p'ra terra dele, a pensar que ou era da vista dele ou estava a ficar mal visto...

O QUE FOI, O QUE FOI?!  
É A REACÇÃO?!

QUAL REACÇÃO  
NEM QUAL CARAÇAS!!!  
É MAS É FALTA DE  
CIMENTO!!!



LA' VAI ALHO!!!



## O PARTIDO DE D. ALDEGUNDAS

— D. Paio, aproxima-se-vos, que vos quero falar!

D. PAIO

— Dizeide, senhora minha. Que pretendes do vosso velho aio?

D. BRIOLANJA

— Preocupada me encontro, D. Paio. É necessário do vosso sábio conselho.

D. PAIO

— Se vos puder servir, disponde, senhora minha. Que preocupações vos aflige?

D. BRIOLANJA

— Trata-se de minha estremosa filha, D. Paio. Estranho comportamento tem nos últimos tempos mostrado...

D. PAIO

— Comportamento, dizeides? Que haveides notado?

D. BRIOLANJA

— Vós sabeides que desde sempre — há anos sem fim — temos procurado, o meu real esposo e eu, encontrar-lhe um esposo, e vê-la arrumada...

D. PAIO

— Dura e ingrata tarefa essa, senhora minha! Demais o sei, e já que me honraides com essa prova de confiança neste vosso velho servidor, sempre me atreverei a dizerde-vos que nunca tive esperanças que os vossos esforços tivessem bom sucesso...

D. BRIOLANJA

— Verdade é! Nem os nossos nem os de alguns valorosos pretendentes que na mira duma vantajosa aliança bastante se sacrificaram nesse intuito...

D. PAIO

— Assim é, senhora minha, assim é! Ainda me recordo daquele garboso donzel que servia na nau de vosso nobre esposo e meu real senhor, e que vós convidasteis para com vossa filha Aldegundes passear nos vergeis da Várzea de Sintra, onde os vinhedos coloridos convidavam ao rime...

D. BRIOLANJA

— Não mo recordeides, D. Paio, não mo recordeides! Aos anos que isso lá vai! Minha estremosa filha na inocência dos seus vinte e sete anos sentiu-se entusiasmada com a beleza de cores daquela viçosa vinha virgem, e em dada altura exclamou: Ah, vêde senhor oficial! Vinha virgem!

D. PAIO

— Triste recordação essa foi, senhora minha! As minhas velhas faces enrubescem de vergonha ao lembrar a intempestiva resposta do donzel que não conhecia as vinhas de Colares e que lhe respondeu severamente que se vinha, assim tornava a ir, porque ele não era louco!

D. BRIOLANJA

— Assim foi. Todo aquele rime al morreu, e quero crer que a minha estremosa filha não mais recobrou de tão profundo golpe no seu orgulho de donzela de nobre linhagem...

D. PAIO

— Sim, na verdade nunca mais dei conta que ela procurasse o caminho do himeneu...

D. BRIOLANJA

— Nem o caminho, nem sequer um atalhozito... A minha pobre Aldegundes ficou para sempre marcada pelo estigma da inocência ofendida, e desde então tem-se estiolado sem voltar a procurar uma alma gêmea da sua...

D. PAIO

— Bom, se me permitides a tomada de confiança com que me honraides, senhora minha, tereides de reconhecer que de ano para ano mais difícil se torna aparecer alguma alma, ou sequer ao menos qualquer desalmado que a queira...

D. BRIOLANJA

— Não mofeides, D. Paio, não mofeides, que sérias são as minhas preocupações! Como vos disse ultimamente tenho notado na minha estremosa filha um estranho comportamento. E gostaria de saber, antes de falar nisso o meu real esposo, que se passará com ela...

D. PAIO

— E para isso quereides a minha ajuda?

# VOZ DO POVO...

NUNCA DIGAS DESTA CIA NÃO RECEBEREI. DE ESPANHA NEM BOM VENTO NEM BOM ARMAMENTO

QUEM VIVE? A CIA, A CIA, A CIA!  
QUEM A MANDA? TÁ CALADO! TÁ CALADO! TÁ CALADO

CIA QUE NÃO SE VÊ DEPOIS SE SENTE

OLHA DE VOLTA, OLHA EM TORNO,  
QUE A CIA ANDA A ESPREITAR...  
É MELHOR PARTIR-LHE UM CORNO,  
E DEIXAR-LHE OUTRO A ABANAR...

A QUEM MUITO SE ABAIXA A CIA LHE APARECE

LONGE DA CIA LONGE DA REACÇÃO

CIA TINELA ALERTA! ALERTA! CIA ESTÁ!



QUEM O FASCISMO AMA A CIA LHE APARECE  
O MAL DE TODOS COM A CIA É...

QUEM TEM FASCISTAS À SOLTA NÃO ATIRA PEDRAS A CIA

BATEM LEVE E LEVEMENTE, COMO QUEM CHAMA POR MIM  
É MELHOR BATER A ASA, QUE A CIA NÃO BATE ASSIM...

CIA QUILO QUE A GENTE SENTE TIVESSE UMA VOZ MAVIOSA  
FAZIA UM COIRO LIXADO COM A MALTA SILENCIOSA

GRÃO A GRÃO ENCHE A CIA A ORGANIZAÇÃO

MUITOS POUCOS (ESPERTOS) FAZEM MUITOS (FASCISTAS)

QUEM VÊ CARAS NÃO VÊ OS ESPÍOES

TANTA VEZ VAI A CIA A MADRID QUE UM DIA É CAÇADA PELA PIDE

Curiosos leitores discutíveis da muito indiscutível sabedoria nestas coisas que fazem a gente botar figura — e eles também querem botar, claro! — escreveram-me a perguntar porque diabo é que agora se falava tanto nessa coisa de ir às urnas.

E um deles até dizia que urnas lhe cheirava a mortos, e não lhe parecia bem que num assunto de tanta importância para todos nós, se desse a entender às pessoas que eram todos uma data de mortos.

Ó santa ignorância, para não dizer cavalari estupidiez! Bem dizia o meu avôzinho que a pior coisa que há não é a gente não saber nada: é saber só um bocadinho, porque se convence que sabe tudo.

Essa dos mortos... é uma delas!

Ora fique sabendo, meu caro senhor, que a palavra URNA, pertence aquele grandioso lote de palavras que nós adquirimos a preço de fim de estação aos latinos, e na realidade, uma das coisas que significava era de facto "Vaso onde antigamente se guardavam as cinzas dos mortos". Nunca cheguei a perceber porque, mas creio que talvez fosse pelo facto de ter em certa altura subido muito o preço dos terrenos, e as pessoas preferirem arrumar as cinzas dos mortos lá em casa num desses jarrões, a terem que pagar renda nos cemitérios. Mas a palavra URNA não significava só isso: também queria dizer "Vaso que servia para guardar água das fontes". O livro onde eu li isto não dizia, mas talvez aquele feito fosse para poder caber melhor no frigorífico. Por fim, lá vem o último significado da palavra URNA: Vaso que servia para recolher os votos num acto eleitoral. Pronto, aqui têm os meus ilustres e analfabetos amigos o motivo da palavra Urna ter pelo menos três significados (isto sem contar um outro que é para botânica, nas flores que têm aquele feito). O motivo é muito simples: quando se fazem importações têm que se ter em conta escolher pelo mesmo dinheiro coisas que tenham várias utilidades: e neste caso pelo preço com que compramos a palavra urna ficamos logo com três ou quatro coisas!

Assim esta coisa de ir às urnas, como o amigo e ignorante leitor pergunta, não tem nada que ver com as urnas dos mortos: essas eram as outras, as de antigamente.



Essas até eram pintadas de preto, que era para a gente não ter desgostos antes de tempo, visto que os desgostos só vinham depois. E como nos enterros também muitos

iam às borlas do caixão, naqueles tempos também muitos foram às urnas à borla, para fazer jeito. Casos houve em que alguns dedicados servidores dos tempos que lá vão, chegavam a ir assistir a esses ofícios fúnebres que havia de tempos a tempos pa-

ra divertir o pagode, em três e quatro cemitérios diferentes, e tudo em homenagem ao mesmo morto.

Claro que ele de morto não passava, mas mesmo assim lá lhe iam fazendo exequias (ou obsequios, como dizem os ingleses). Eram todos os convidados muito obsequiados, e alguns que não eram convidados, também acabavam por ser obsequiados com umas caneladitas a escapar em cheio.

Depois houve uma altura em que as urnas tiveram pouco uso nessas cerimónias. E compreende-se: elas começaram a ser muito espaçadas, com muitos anos de intervalo, e tudo por causa dos intrépidos que tinham a mania de ir remexer nas cinzas que há quase cinquenta anos lá estavam dentro. Ainda houve quem se lembrasse de os utilizar para uma das suas antigas funções, aquela que diz no dicionário "guardar água das fontes".

Mas isso também não deu nada, primeiro porque com a falta de uso que essas urnas tinham aquilo começou a meter água à brava. E depois porque as águas que lá conseguiam ficar eram sempre assim uma espécie de águas turvas, e de águas turvas andava a malta toda farta.

Até que finalmente há pouco tempo apareceu uma nova brigada de desinfecção que decidiu limpar todas as urnas, e deitar para o lixo todas as cinzas podres que elas continuavam a ter lá dentro, juntamente com as águas turvas e chocas que já nem com lexívia lá iam.

Por isso, amigos e ex-ignorantes leitores, quando agora ouvirem falar nessa coisa de ir às urnas, já podem ir descansadinhos, porque as velhas foram pro catano e as novas já estão desinfectadas e não cheiram a mortos.



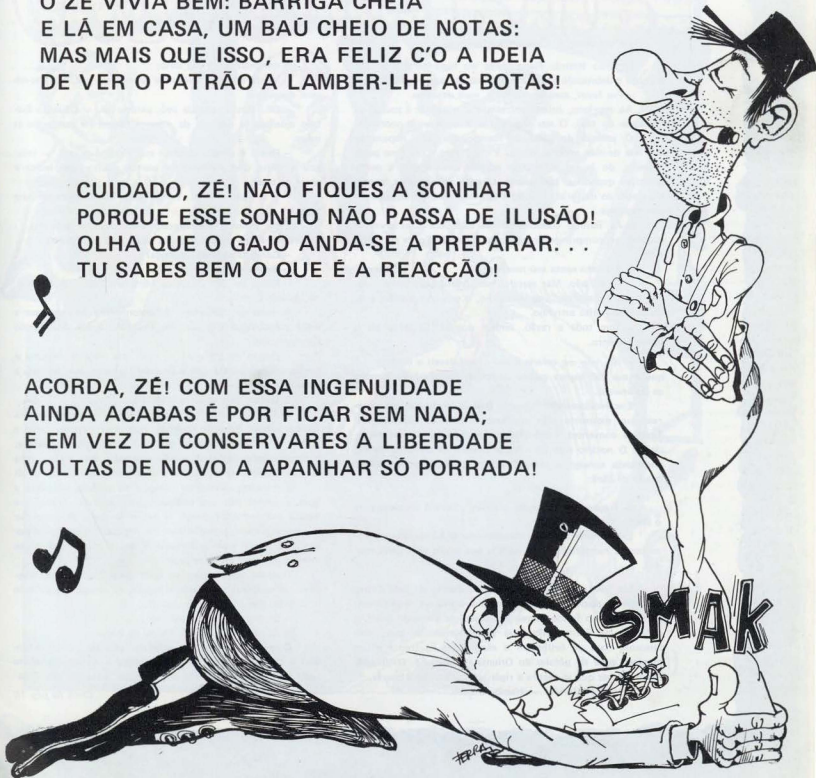
# SONHO DE MADRUGADA DE ABRIL

DEPOIS DO PESADELO EM QUE VIVIA  
O ZÉ ADORMECEU. E SONHOS MIL  
EMBALARAM EM MÀGICA EUFORIA  
NA MADRUGADA DUM SONHO DE ABRIL. . .

O ZÉ VIVIA BEM: BARRIGA CHEIA  
E LÁ EM CASA, UM BAÛ CHEIO DE NOTAS:  
MAS MAIS QUE ISSO, ERA FELIZ C'O A IDEIA  
DE VER O PATRÃO A LAMBER-LHE AS BOTAS!

CUIDADO, ZÉ! NÃO FIQUES A SONHAR  
PORQUE ESSE SONHO NÃO PASSA DE ILUSÃO!  
OLHA QUE O GAJO ANDA-SE A PREPARAR. . .  
TU SABES BEM O QUE É A REACÇÃO!

ACORDA, ZÉ! COM ESSA INGENUIDADE  
AINDA ACABAS É POR FICAR SEM NADA;  
E EM VEZ DE CONSERVARES A LIBERDADE  
VOLTAS DE NOVO A APANHAR SÔ PORRADA!



## INTRIGAS NA VITA-RODA

Um folhetim  
por **Elizabeth**

Eduardo Beltrão Rampollo via fugir-lhe a cobiçada herança e debrucado sobre o motorista de taxi, rogava-lhe:

— Por favor, meu caro senhor, mais depressa.

Ao seu lado, Julieta entreteinha-se a roubar à socapa os cinzeiros do taxi. O seu nervosismo complicava a operação. O palácio da condessa Rampollo, um imponente edifício de três andares, surgiu à sua frente. Com uma pasta debaixo, do braço, o notário acabara de transpôr a porta principal quando o taxi parou. O neto da condessa lançou uma nota ao motorista e voou a caminho da entrada, seguido pela rapariga.

— As minhas condolências — disse em tom grave o notário, ao cumprimentar o oitavo barão de Fonte da Telha e Pó.

— A minha santa avó morreu?

— Ainda não. Mas mandou-me chamar para fazer testamento ao "chauffeur", ao Jerónimo, o que como velho amigo da casa muito estranho.

— Tem toda a razão, senhor doutor. Eu devo ser o único herdeiro.

— Ah, não me referia a isso — esclareceu o notário — é que a sua avó nunca gostou de motoristas. Preferiu sempre os jardineiros...

Encarecidamente, Eduardo Beltrão pediu-lhe que esperasse um momento: não precisava de mais de dez minutos. Tentaria convencer a avó a modificar as suas últimas disposições. O notário assentiu e transbordante de contentamento, arrastando consigo a aóntia Julieta, o Barão gritou a um criado de lóbre:

— Tragam um cálice de Madeira e lulas à andalusa para o senhor doutor notário!

Esta ordem agradou imensamente a Julieta que passava com a magnificência do palácio que podia vir a pertencer-lhe.

Ele bateu de manso à porta do quarto da avó. Como não tivesse resposta, penetrou com a noiva no amplo compartimento. Ao fundo, numa espectacular cama de docel, a condessa de Rampollo jazia semi-adormecida, com uma faiscante tiara de brilhantes e esmeraldas na fronte e um precioso colar de pérolas do Oriente no pescoço. Os lençóis deixavam ver que se vestira a rigor para enfrentar a morte.

— V6-V6! V6-V6! — chamou o neto.

A condessa abriu um olho:

— Vai-te embora. Deixa-me morrer em paz. Mataste-me com desgostos!

— Oh, minha querida avó, perdoe-me. — Eduardo Beltrão ajoelhou-se aos pés da cama e beijou-lhe comovido as mãos.

— Quem é aquela rapariga que ficou à porta? — indagou a velha que subitamente parecia muito mais lúcida e cheia de vigor.

— É a minha noiva. Venho pedir-lhe autorização para casar.

Estas palavras melhoraram ainda mais a condessa... Endireitou-se na cama e inquiriu numa voz autoritária:

— Como te chamas, rapariga?

— Julieta Gato.

— Deves ser dos Gatos de Mirtola e Tavira. Aproximate, Julieta Gato!

A rapariga obedeceu. Já reconhecera na condessa a velha cleptomana que um dia encobrira numa frutaria do Cais do Sodré.

— Gostas de laranças? — com esta insólita pergunta a excêntrica aristocrata deu a perceber à outra que também a havia reconhecido.

— Gosto, sim, senhora condessa.

— Têm a minha aprovação para o vosso casamento.

Nunca supuz, Eduardo Beltrão, que uma rapariga como a Julieta se pudesse interessar por ti. Fixaste uma boa escolha, a descendência dos Rampollo está salva e tu serás o meu herdeiro. Não percam tempo: chamem um padre: e casem já! Entretanto, Jerónimo chegava ao palácio, chamado a toda a pressa por um emissário da condessa. Transpirava alegria por todos os poros. Ia ser o herdeiro da velha! Ao receber a notícia, ridicularizara "A Setúbal", dizendo-lhe por fim que nunca mais o tornaria a ver. A partir dali, só se interessaria por "meninas bem".

Quando teve acesso ao quarto da "agonizante" condessa, encontrou-a sorridente e loquaz, na companhia do neto e, espanto dos espantos, de Julieta.

— Senhora condessa, sei que...

— Já não preciso de ti. Mudei de ideias.

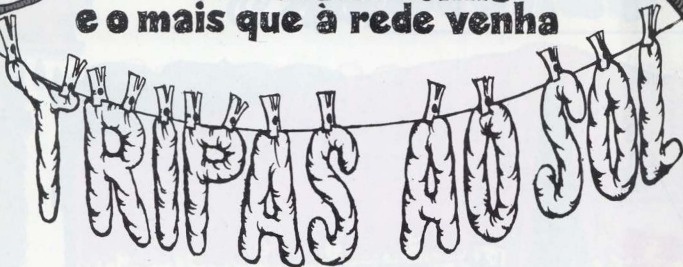
Como um autómato, Jerónimo saiu do quarto. Afundou a cabeça entre as mãos e desatou a chorar. Percebera tudo num relance. O neto da condessa aranjara um "no-

Cont. na pág. 15





# Crónica nortenha e o mais que à rede venha



## AS FERAS

A propósito de Shakespeare, convenha-se em que são autênticas "feras não-amansadas" aquelas cabeleireiras que há semanas, num sábado à tarde, em missão de vigilância do cumprimento do regime de semana-inglesa, durante duas horas — primeiro sozinhas, e, depois, acompanhadas e apoiadas por uma pequena multidão — puseram em polvorosa, aqui no Porto, a centralíssima Rua de Sta. Catarina, organizando o cerco, o sítio e quase a invasão de um salão da especialidade, até conseguirem a interrupção do seu funcionamento.

O proprietário do mesmo veio, é claro, a público (isto é, para a imprensa) esclarecer que não é "fascista" (como lhe chamaram) e antes "um acérrimo defensor do regime" (de semana inglesa), mas que interpretara o encerramento nas tardes de sábado "como um convite e não como uma ordem". E acrescentou que não possui nenhuma caçadeira e "só por graça" falara nela, ameaçando as manifestantes...

O que importa, porém, é dar o devido relevo à actuação destas. Séculos depois da pá e do forno contra os espanhóis, aí temos o secador e a tesoura contra os patrões! A Pátria pode confiar na fervura (perdão, no fervor...) das suas mulheres! A independência nacional continua assegurada! A PADEIRA DE ALJUBARROTA ESTÁ, FELIZMENTE, DE VOLTA!...

## CULTURA DE MASSAS

Apesar de tudo, e contra o que se diz, o mercado turístico nortenho não deve estar com perspectivas assim tão más. Eis, pelo menos, a conclusão que me vejo compelido a tirar de um anúncio que conhecido clube nocturno publicou a pedir empregadas "com apresentação, cultas e dinâmicas, podendo atingir um vencimento superior a" determinado montante, que não revelo para não fazer cair ninguém em tentação...

É que, compreendendo na perfeição a impotência da "apresentação" e a conveniência do "dinamismo", só eceto a necessidade da "cultura" com vista a facilitar os contactos com os estrangeiros, nomeadamente com os "camões".

CÁ A RAPAZIADA, NO CASO, DISPENSA-A INTEIRAMENTE...

## SHAKESPEARE RESSUSCITADO

De qualquer forma, a cultura e, na verdade, uma coisa muito bonita, em prol de cuja divulgação todos nós devemos esforçar-nos cada vez mais. Porque decerto pensa deste modo, o senhor Domingos Bento esforçou-se. E, esforçando-se, deu à estampa, no semanário "Flor do Tâmega", de Amarante, a peça que, com a devida vénia, a seguir se reproduz:

**TO BE OR NOT TO BE**  
"Ser democrata número um  
Ou ser igual a qualquer um  
Ofusca qualquer outro humano ser  
Ou ser igual a qualquer um  
Que mesmo sem morrer na cruz  
Se preza imenso de o ser.

Não é ser ou não ser  
Coisa diferente  
E negativa de sentir  
Na fantasia que comporta.  
O sentimento de o ser  
Atávico ou imanente  
E condição excelsa do deus  
Não se fabrica na retorta."

Abençoe-o Deus, senhor Bento! Percebi pouco mas não faz mal. Deixe-me só lembrar-lhe que, de facto, A POESIA "NÃO SE FABRICA NA RETORTA"...



# O PARTIDO DE D. ALDEGUDES

Cont. da pág. 4

D. BRIOLANJA

— Assim é, D. Paio, assim é. Fosteides seu tutor e ela confia em vós. Quereides falar-lhe, e descobrir o que lhe vai na alma?

D. PAIO

— Tendes a minha palavra, senhora minha. Assim farei quando aso disso tenha. . .

D. BRIOLANJA

— Que Deus vos pague, D. Paio. Assoejaide um coração de mãe amantíssima. . .

ALDEGUDES

— Estaiades aqui só, D. Paio? Que faizeades aqui na antecâmara dos meus aposentos?

D. PAIO

— Minha ilustre senhora, e antiga pupila! Passam tantos dias sem que tenha a ventura de vos ver, que hoje fiz propósito de vos visitar! Amofina-vos a minha presença?

ALDEGUDES

— De forma alguma, D. Paio! Aguentai de uma lasquinha enquanto vou mudar de chanatos por causa deste joanete. Mas podeides falar-me através deste biombo! Que tendes ultimamente feito?

D. PAIO

— Pouco, senhora minha, pouco. Longe vai o tempo em que os meus afazeres na corte de vosso nobre pai e meu real senhor me conservavam ocupado! Agora na minha solitária velhice, pouco me resta a fazer. . .

ALDEGUDES

— Pois quê? Assim desesperaiades de voltar a viver e trabalhar na nossa corte?

D. PAIO

— A nossa corte. . . onde vai ela agora? Não ouvisteides as novas que vosso augusto pai nos deu na outra semana? Novas nefastas foram. . .

ALDEGUDES

— O quê? Quereides referirvos a essa barraca de fantoches que anunciaram ter havido em terras de Castela, e que queriam macaquear a nossa nobre corte?

D. PAIO

— E achaiades pouco? Não nos bastava termos sido exilados da nossa terra para estas longínquas paragens, e foi ainda preciso surgirem uns tantos renegados da nossa corte a reclamar um lugar que por direito nos pertencia. . .

ALDEGUDES

— O lugar que por direito nos pertencia, há-de voltar a pertencer-nos, senhor D. Paio.

D. PAIO

— Que dizeides, senhora minha? Acaso pensaiades. . .?

ALDEGUDES

— Nunca deixei de o pensar. . .

D. PAIO

— Mas vossos augustos pais. . .? Que dizem eles?

ALDEGUDES

— Não vos esqueçaiades, D. Paio, que nesta casa só eu sei o que importa fazer! Meu pai, tirante o cortar de fitinhas, ou improvisar pela centessima vez o mesmo discurso pouco mais cuida ou cuidou do seu ofício de reinar. Minha mãe. . .

D. PAIO

— Vossa mãe tem sempre esperado que vós lhe deis o sumo dum vantajoso himeneu com

Cont. na pág. 14

000 ENTÃO COMECEI A SONHAR TODAS AS NOITES COM A "MAIORIA SILENCIOSA, O QUE É MUITO ESTRANHO SR. PSIQUIATRA, EU QUE ATÉ SOU COMUNISTA"000



## AO SENHOR

Que certamente por distração, abriu na tarde de ontem, no metropolitano de Entrecampos, a mala de mãe duma senhora e naturalmente por engano levou dela a carteira e um isqueiro, solicita-se a amável deferencia de remeter os documentos que foram na carteira, no caso evidentemente de lhe não fazerem falta. Para o caso de não desejar estar-se a incomodar procurando a morada, esclarece-se que esta é no Beco do Fala-Só, 175-r/c. Desde já se apresentam os mais profundos agradecimentos.

## À SENHORA

Com quem o meu marido Malaquias da Interrogação foi juntar os trapinhos, informa-se que este, além de ressonar como um trombone (o que certamente já notou) também costuma embirrar com as ruíheres muito faladoras. Faço este aviso para ver se a senhora não mete o pé na argola, e se o conserva consigo pelo menos até ao fim do verão, que é para eu ter também as férias a que tenho direito.

## DESAPARECIDA

Desapareceu ontem de manhã de casa dos seus pais a menor Segismundina da Silva que veste calças amarelas e camisola de lã branca. É loira com o cabelo cheio de caracóis, e gosta muito de ir para o colo dos homens. É muito atrevida e já tem arranjado sarilhos por causa disso. Como só tem quatro anos, agradece-se que a tragam a casa, pagando-se as despesas. Rua da Pinquina, 27-3.

**ORA CONTE-NOS...**

**QUE PENSA DA FALTA DE ÁGUA?**

AO MENOS ABRAM  
MAIS UNS TASCOS  
PARA HAVER  
**VINHO!..**

**CAPITALISTA**

NUNCA  
DEI POR FALTA  
DISSO... EU BE-  
BO "CASTELO"  
COM WISKY

**BÉBADO**

**J. PIMENTA**  
QUE EXPLIQUE  
ISSO!..

**VAGABUNDO**

O QUE...  
ESSA COISA  
HORRÍVEL COM  
QUE AS PESSOAS  
SE LAVAM!..

**HABITANTE DA  
REBOLEIRA**

NÃO TENHO  
PROBLEMAS ;  
SOU DO TEMPO  
DO "LAVASTE"  
ESTRAGASTE!

**BURGUESA**

# C I A

ompanhia Internacinal Alpergatas

— Hello? Hello? Lisbon? Hello?

— Yes, mister! Aqui Lisbon! Quem fala?

— Si! Daqui fala Washington! Querria farre com grupa senhorres americans que estão turistars in Portugal! Pudió chamá-los, please?

— Sim senhor, yes! Your name, please faxavor?

— Disculpa, não pode dizerre! Ser confidential, percebe?

— Mas... É preciso eu escrever aqui no my book de chamadas! Your name! Perceber?

— Well, you are very chatice! Daqui fala o terceiro secretary da second investigation department da Companhia Internacional de Alpergatas! C.I.A., perceberr agora? Chama sinhorres de grupa excursionista american da nossa firma, please!

— Não senhor, not possible! Seus amigos sairam de hotel manhã very cedo! Levar todas máquina fotografica e dizer iam alugar casas para fazer escritórios! You wisk deixar algum message para eles?

— Sim, sim, yes! Porr favorral! Diz eles precisa Itêté!

— What? Precisa o quê?

— Preciso Itêté! Querr dizer, precisa Ir Todos Telefonar! Please! Receptionista hotel ser sempre bom elemento! You wisk ganhar muita dinheira? Quererr trabalharre para nossa Companhia Internacional de Alpergatas?

— Távisto que quero! Aqui pagam muito mal!

— O.K.! You agora faz

parte nossa C.I.A. Mais um menos um... it is the same...

— O quê? A sua Companhia Internacional de Alpergatas tem cá muitos

empregados? Mas os seus tourists que agora chegaram...

— Oh, the tourists são for disfarcing! Esses serrem para fazer offices,

para ensinar empresas portuguese a dirigir os seus peoples e principalmente a ficar todas caladinhas! Perceber?

— Yes! Perceber very

well! O pior é CIA mata aqui também understand!

— No, no! Eles não percebe nada! Nós ser muita especialista fazer fitas espionagem e toda gente gosta ver fitas dessas! Nosso Company já realizou muitas film noutras country, e nosso prática não engana! Fazerr muitos fitas in South América, e ganhar tanta dinheira que hoje lá toda gente já anda de alpergatas! Nossas alpergatas!

— Yes! You talvez have razão! Mas aqui já se fala muito...

— Isso serr muita perri-gosa! Não deixa falarr ninguém! Precisa avisarr todos nossa Grupa ser precisa ficar toda toda calada! Amanhã we speak outra vez, depois de terr conferência nosso chefe, o dear Henry, e vai mandar mais grupar, muitas grupar nossa parra seu país! Mas precisa avisarr todas tem que estar silente! It is possible só fala de peace! Muita peace! Uma peace grande, em toda munda!

— Ena que grande peace!

— You understand! Com nossa grande peace é que nossa C.I.A. vai ao coração deles! You avisa eles?

— Tá claro! Of course! E diga lá: eles falam todos?

— No, no, no! Só técnica american é que fala, e muita mansinha! Precisa terrr cuidada!

— Então e os que não são american? Os portuguese?

— Essos ser a maioria: e já sabe: a maioria ficarr siliciosa! Good bye!

TENHO QUE TER CUIDADO  
POIS COMEÇO A SENTIR  
UMA FORTE DOR  
GIA...TICA!



Cont. da pág. 11

algum garboso jovem, ou algum celebrado nobre da vossa corte. . .

ALDEGUNDES

— Minha mãe é patarouca. Mas de certo modo ela deu-me o princípio de uma ideia que ultimamente tenho estado a acalentar no bestunto. . .

D. PAIO

— Bem me parecia. . .

ALDEGUNDES

D. PAIO

— Que donzela com o engenho como o vosso por certo teria algo para confiar no futuro. . .

ALDEGUNDES

— Assim é, D. Paio. Mas conservei-me em segredo o que vos digo. . .

D. PAIO

— Senhora minha, podeis confiar. . .

ALDEGUNDES

— Lembraide-vos da constante frase com que minha mãe usava rematar todas as suas preleções a respeito do meu futuro?

D. PAIO

— Quem a poderia esquecer? Durante dezenas de anos a ouvi, todos os dias. . . rezava assim: “. . .Porque minha filha, uma donzela de nobre linhagem tem que olhar pelo seu futuro, que é o futuro da nossa terra! Tereides, mais cedo ou mais tarde que procurar um bom partido. . .”

ALDEGUNDES

— Assim é. E isso acabou por se gravar na minha louca pinha para nunca mais de lá sair. E ainda estamos no nosso reino, já essa frase me retinha constantemente aos ouvidos, e não pensava noutra coisa. . .

D. PAIO

— É natural! Soides uma senhora, por certo pensareis em vos unir pelos laços do himeneu a algum rico nobre. . .

ALDEGUNDES

— Limpai-me essas teias de aranha do nosso velho touçoito, D. Paio! Quero lá saber dessa treta de casórios! Pois ficai sabendo que a ideia que estava já em meu bestunto há muitos meses antes de sairmos da nossa terra, era a de um partido, mas não era para casar! Era para dar satisfação ao nosso bom povo que naquele tempo de partidos só tinha um, e mesmo esse já para o fim muito a abanar!

D. PAIO

— Mas então. . .

ALDEGUNDES

— Então, D. Paio, os infieis é que tinham razão! Num país não deve haver um só partido! Deve haver muitos — embora claro, só um é que mande! — E por isso, agora que lá na santa terrinha já há muitos partidos, eu estou a pensar arranjar também o meu, e na devida altura entrar na festa!

D. PAIO

— Quem tal diria! Quem tal pensara!

ALDEGUNDES

— Mas até lá, D. Paio: silêncio absoluto e sigilo completo do que vos confiei. O meu partido — o nosso partido, evidentemente — seguirá uma linha imparcial, profunda e estruturalmente direita.

D. PAIO

— Direita?

ALDEGUNDES

— Claro? Ou duvidaríeis disso? Mas até lá, até que soe a hora do meu partido ser publicamente anunciado, a nossa atitude só poderá ser uma: completa, absoluta e totalmente. . .

D. PAIO

— Silenciosa. . . no exílio!

# EL ÚLTIMO PASADOBLE

Os parceiros aqui do lado. . . vocês sabem, aqueles que a gente costumava chamar “Nuestros hermanos”, tomaram agora mais uma brilhante decisão, para reforçarem a sua defesa contra os inimigos do exterior.

Claro, neste caso, os inimigos do exterior somos nós dum lado, e os franceses do outro.

Porque eles não fazem a coisa por menos: nada de misturas que os “nobres” não se querem misturar com os plebeus. . .

Primeiro aqueles nabos. . . perdio: eu não lhes estou a chamar nomes. Lá a falar dos nabos, mas lembrei-me que já aqui há bastante tempo os nossos salerosos vizinhos andavam a mostrar-se muito inchados e assim a modos que a falar com aqui a nossa malta por cima da burra.

Claro: tinham a barriga cheia e já se tinham esquecido que há anos atrás, quando tinham conseguido inaugurar a Filarmónica que lá toca agora, aquilo de norte a sul e de cabo a rabo era uma terra devastada e roída de fome onde os Manolos e as Pilis não tinham uma cêdea para roer.

E esqueceram-se que ali pelas portas travessas de Elvas e de Vilar Formoso, por Caminha e por Vila Real de Santo António entraram comboios e comboios com centenas de vagons cheios de comidinha. . . de borla.

Comidinha que muitos de nós tiramos da boca, para lhes

matar a fome. . . mas adiante. A gente não está arrependida do que deu. Deus. . . está dado. Mas os nuestros hermanos assim que começaram a viver bem, começaram também a olhar-nos com aquela característica sobranceira com que a gente rica olha para os pobres.

Mas a gente não ligava. Que diabo, aquilo era feio. . .

Mas este ano, depois do nosso nobre Abril, os nuestros hermanos começaram a franzir o sobrolho, e a pensar que a gente aqui dum lado, e os franceses do outro lhe estávamos a estragar o arranjinho. . .

E quanto a nós começo aquela gira batalha dos nabos e dos tomates. Nuestros hermanos avisaram toda a sua população que não tentassem utilizar as nossas hortaliças, porque nós estávamos muito coléricos.

Claro que houve quem ficasse muito desapontado por esse veto às nossas ramalhudas hortaliças, e ficasse basto chateada por não ser permitida a entrada na “raya” das nossas peras, maçãs e marmelos, das nossas couves, cenouras e tomates. Que chatice!

Depois, eles fizeram uma coisa parecida com os vizinhos do outro lado: começaram a pedir passaportes a toda a gente (a nós. . . já era costume!) para lá poderem ir deixar ficar o dinheiro! Iho.

E agora como as coisas por lá pareciam começar a ficar mais azedas, e mais ásperas, os nuestros hermanos decidiram que não deixavam sair para a nossa banda nem açúcar nem azeite.

Estou-me a lembrar do “Último Pasadoble em Madrid” ou coisa parecida. E se a gente lá fôr. . . pode levar um pacote de manteiga?

**CONJUNTOS MUSICAIS para todo o país**

**A J**

Rua F, Lote 1, R/C-B  
Olivais Sul — Lisboa 6  
Telefone 316354

**PARA GRANDES MALES**

- transito...
- consumo...
- peso...

**GRANDES REMÉDIOS!**

**A HONDA**

IBA, LDA.

AV. COLUMBANO BORDALO PINHEIRO, Nº 59 - B - TEL. 768913



Ninguém pode ignorar que o Sporting se encaminha para uma importante acção construtiva.

Claro, estas coisas construtivas também não se arranjam assim dum dia para o outro, e é por isso que todas as construções anda muito perilitante.

Primeiro parece que já está a dar menos do que dava antigamente. Depois é preciso a gente lembrar-se que é muito fácil arranjar quem faça os projectos: isso de projectos, fazem-se em cima duma mesa qualquer, seja num gabinete de arquitetos, seja na nossa mesa de cozinha, ou seja na secretária dum escritório. E

parece que tinham sido construídas em cima de terrenos que não estavam muito seguros, e o resultado foi aquele...

Verdade, verdade, aqui muito para nós, o negócio de

# COISAS

construções anda muito perilitante.

Claro, estas coisas construtivas também não se arranjam assim dum dia para o outro, e é por isso que todas as construções anda muito perilitante.

aquilo no papel é muito fácil, ficam uns desenhos muito bonitos, com uns edifícios monstros, com lindíssimas garagens, com muitas árvores, e muito, muito espaço livre...

Depois é que as coisas são mais difíceis. Quando é preciso a gente ter primeiro os terrenos, depois as licenças para construir, depois tantas e tantas coisas, que quase as pessoas ficam a pensar se dará a

mecha para o cebo, com estas coisas das rendas a ficarem controladas...

Bom, mas isto tudo não tem nada que ver com o Sporting, evidentemente. Calhou em conversa, nem me lembro já porquê... ah! Foi por dizer que o Sporting se encaminhava para uma importante acção construtiva.

Vocês não acreditam? Eh pá, isso também é ser faccioso!

sol! Então vocês não sabem que os leões têm agora no seu team principal um elemento altamente desnoriente para qualquer adversário que lhe apareça? Claro! É o Sono! Vocês estão a ver: quando um clube qualquer estiver para defrontar o Sporting, sabem logo: Olha, o Sporting está com Damas, o Sporting está com Alinhio... o Sporting está com Sono...

Pronto: a gente não precisa de se ralar. Até podemos levar a reserva. Se ele está com Sono, com certeza não nos vai dar muito trabalho...

E depois... é canja: levam com a bota de ouro do Yazalde na fussa, que é para não serem parvos, e quanto a Damas... se pensam que é tudo a entrar, estão enganados: as bolas não entram.



## DESCARADAMENTE Julieta

Cont. da pág. central

vado" à pressa par lhe arrebaratar a herança. Mas o que aconteceria quando se soubesse que Julieta trabalhava num bar do Cais do Sodré e que vivera com ele? Ah, seria um escândalo dos antigos! Limpou as lágrimas e decidiu-se a passar ao ataque.

Por coincidência, Julieta acabava de sair do quarto da condessa que queria falar em particular com o neto.

— Grande cínica! Queres desgraçar o meu futuro? — Jerónimo agarrou-a violentamente por um braço.

A astuciosa rapariga ameaçou-o:

— Ou me largas ou grito! Vamos conversar... Como sabes, gosto de ti. Portanto, o que é meu é teu o que quer dizer que, casando eu com o neto da condessa...

— Também és a única mulher que eu amo! — suspirou o motorista, repentinamente louco de amores pela amante que abandonara.

Empurrou-a para dentro de um quarto e fecharam-se por dentro.

Entretanto, a condessa que simulara estar moribunda e o neto apareciam no corredor.

— É preciso celebrar esta data festiva! — bradava alegremente a velha.

— Mas são 6 da manhã, avó — contravinha Eduardo Beltrão.

— Pois vamos celebrar para o "Cacau" da Ribeira. E a tua noiva? Onde está a tua noiva?

Foi neste momento que Julieta, toda descomposta, irrompeu dum quarto, em gritos pedindo socorro.

— Oh! Aquele homem qui abusar de mim... Oh, senhora condessa, que grande vergonha!

— Um homem qui abusar duma donzela em minha casa? Mas quem é esse homem?

Este estratagemas de Julieta resultou no tempestuoso despedimento de Jerónimo. Afastara assim uma perigosa testemunha da sua vida passada.

### OS RIDÍCULOS

O MAIS ANTIGO SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR SILVA NOBRE

PROPRIEDADE HUMBERTO S. NOBRE

Redacção, administração e composição

Rua Conde de Redondo n.º 12-2.º — LISBOA  
Tel. 53 85 85—53 79 49  
4 86 68—56 31 58

Impresso na LISGRÁFICA, S.A.R.L.

Distribuído para todo o país por Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho — Lisboa

### ALFREDO & MÁRIO MOURA, LDA V E N D E

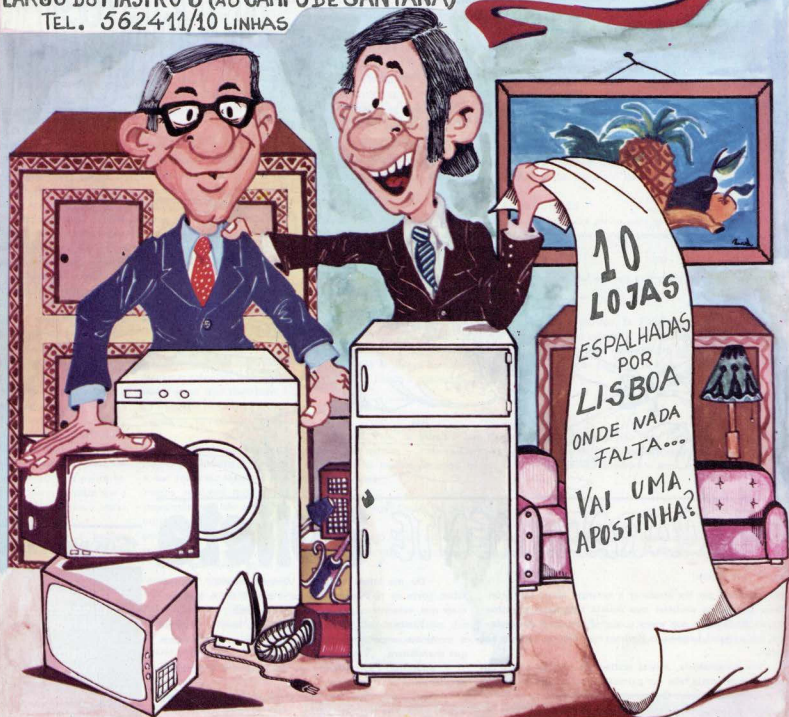
B.M.W. 2002	1973	Fiat 125	1970
Audi 100 LS	1972	Volkswagen L	1972
Fiat 124 R	1972	Triumph Spitfire	1971
Ford Cortina GXL	1972		
Ford Capri 1600 GT	1971	Opel 1900 Diesel	1969
Ford Cortina XL	1972	Hillman IMP	1967
Renault R 10	1967	Opel Kadett	1966
Morris Clubman	1972	Ford Capri 1300 L	1973
Ford 17 M 4 portas	1970	Fiat 128 Station	1973
Simca 100 GLS	1971	Fiat 850	1972

FACILITA-SE TROCA E PAGAMENTO  
Rua Barão Sabrosa, 324-A — Tel. 712667

Continua no próximo número.

# SUPER MANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)  
TEL. 562411/10 LINHAS



A MAIS FABULOSA GAMA DE APARELHAGENS  
ELECTRODOMÉSTICA E DE SOM ESTEREOFÓNICO DAS  
MAIS FAMOSAS E ACREDITADAS MARCAS MUNDIAIS  
— MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS  
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO  
“EPEDA” E “DELTALOC”